

A espetacularização do literário na era do consumo

Nizia Villaça
UERJ - CNPq
nmvillaca@uol.com.br

RESUMO: Na teoria literária e nas discussões acadêmicas, discutem-se os caminhos da literatura, da crítica, são observado, em confronto, notadamente, com as novas tecnologias digitais que alteram a noção de tempo e espaço provocando a crise dos grandes relatos, as discussões sobre massificação, globalização e simulacro. A espetacularização do literário, sua publicização surge, progressivamente, da oposição citada. É na dinâmica da identidade e da diferença e da diluição de seus espaços que se procuram pistas para pensar as configurações da subjetividade na literatura brasileira dos anos 80, 90 e 2000. Alguns autores significativos das novas tendências são visitados num ensaio que propõe mais um processo do que um sistema.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Virtual. Espetáculo. Subjetivação.

ABSTRACT: In the literary theory and academic discourse the trends of literature and criticism are studied today in considering the digital new technologies that are capable to transform the notions of time and space provoking the crisis of the great thoughts, the discussion about massive culture, globalization and simulacrum esthetics. The spectacularity of the literary

text, its bigger visibility occurs in this moment. It is in the dynamics of the identity/difference and in the dissolution of the opposite spaces, that we search the signs to think the reconfiguration of subjectivity in the 80, 90 and 2000 literature. Some significant authors of new tendencies are visited in this essay that proposes, more than a system, a process of evaluation.

KEY-WORDS: Literature. Virtual. Spectacle. Subjectivation.

Sem pretender estabelecer qualquer tipo de futurologia neste campo, tradicionalmente marcado pela singularidade autoral, buscamos refletir sobre a literatura produzida a partir dos anos 80, quando o mercado cresce em influência na produção das obras literárias. Serão apontadas algumas características de autores dos anos 80, 90 e 2000, sublinhando traços recorrentes ligados ao impacto das novas tecnologias, suas plataformas multimidiáticas e os aportes trazidos à produção, circulação e recepção das obras no âmbito da quase obscena visibilidade da sociedade de consumo contemporânea.

Com o progresso da técnica a própria resignificação do humano está em pauta com a discussão de suas relações com as novas dimensões do objeto. Partimos de tais relações para pensar algumas dinâmicas do literário conectadas à destruição, neutralização e abjeção do sujeito e marcadas pela simultaneidade do leitor como espectador e internauta num mundo sem fronteiras (CANCLINI, 2008).

Tal momento Bauman (2001) intitula modernidade líquida, apontando o desdobramento da diluição dos pares opositivos que estruturaram o pensamento racional da modernidade e propiciando a criação de novos valores. Nesta linha comentou-se a

partir, sobretudo dos finais dos anos 70, a morte da história, da sexualidade, da autoria e dos Estados frente ao trânsito generalizado do mercado global. Desdobraremos o texto em itens que farão menção a algumas tendências da nova produção literária, a transformação do papel da crítica, da autoria e o lugar e entendimento da comunicação na era da hiper-informação.

A pesquisa foi provocada pela necessidade de pensar a literatura e seu novo estatuto frente à sociedade contemporânea que se perfila como reino da imagem, do consumo, da mobilidade, interatividade e rapidez. Como ficam as qualidades literárias tradicionais de reflexão, recolhimento e outras ligadas à palavra como vetor? O texto ficcional escrito perderá sua sedução ou pequenos retoques como uma apresentação multimídia, uma teatralização e tratamento imagético dotarão o texto de maior interesse e visibilidade? Crescem as possibilidades editoriais de equilíbrio entre texto e imagem ao mesmo tempo em que *sites* e *blogs* dinamizam a produção, divulgação e recepção de textos ficcionais e críticos. A literatura se movimenta e se expande em inumeráveis plataformas.

Em recente entrevista dada ao jornalista Diego Viana, do Caderno de Cultura do jornal *Valor Econômico* (VIANNA, 2011, p. 7), perguntas sobre o lugar da crítica hoje nos fez pensar em alguns deslocamentos e transformações havidas na área sem que atribuíssemos a tais mudanças o radicalismo que a mídia frequentemente lhes empresta. Um lugar especialmente visado é o da criação colaborativa, fronteira entre leitor e escritor e, portanto, a questão da interatividade. É preciso não esquecer que a interação não é privilégio do mundo digital e o leitor passivo

como rezam alguns manuais. Para dar exemplos concretos, as oficinas de criação, oferecem resultados bastante positivos com as discussões em presença. No mundo online, celebrado como o lugar privilegiado de interação, por vezes temos apenas uma fantasia de co-produção em que o autor oferece ao leitor uma janela com a etiqueta Palpite, como foi o caso do romance de Mário Prata, *Os Anjos de Badaró*.

A disputa entre as vantagens da cultura impressa e da eletrônica, desperta adesões e resistências. Dominique Wolton (1997), em *Penser la communication*, fala em solidões interativas e Jair Ferreira dos Santos, em recente programa na TV Cultura afirma: “a literatura ainda será um hospital para a doença do automatismo eletrônico”.

Na sociedade da hiper-informação ao contrário do otimismo de Giddens com seu conceito de auto-reflexividade em que o receptor pode digerir e metabolizar o mundo que o cerca, parece-me que não basta transformar dados e fatos em informação, mas, efetivamente, comunicar-se, ou seja, exercer a potência de transformar-se. Informação não é comunicação.

Um efeito da constatação acima é a desarticulação minimalista presente em romances como *Rastros de Verão* (NOLL, 1986) e *Hotel Atlântico* (NOLL, 1989) onde as reflexões de ordem psicológica e social são substituídas pelo privilégio atribuído a ações aleatórias que se sucedem no quadro de uma percepção esvaziada de sentido. O mesmo talvez pudesse ser dito de *Estorvo*, de Chico Buarque de Hollanda (1991).

Ainda com relação ao exercício da crítica, cresce a participação dos amadores graças a Internet, trazendo valiosa colabo-

ração para a multiplicação dos pontos de vista sobre a obra que passa a ser julgada por uma variedade de critérios entre os quais o quantitativo do número de visitas ao *site* de acesso à obra. Articulada a este aspecto, temos uma crise da avaliação que buscava revelar sentidos ocultos da obra, em prol da produção textual do leitor que explore as diversas entradas e saídas da narrativa como bem já acentuara Roland Barthes, em *S/Z* (1970).

Tais questões e, notadamente a desfronteirização dos gêneros foram importantes para focalizar a temática da espetacularização do literário na era do consumo. A crônica, por facilidade de manuseio, foi inicialmente o campo escolhido de pesquisa, enfatizando a abrangência deste espaço por escritura onde se cruzam e alternam variados campos do saber. Do sabor de cotidiano poético que possuía nos anos 50 torna-se progressivamente ensaística, metalinguística, filosófica, sendo constante a referência a fatos considerados inicialmente em outros suportes. Hoje são poucos os cronistas que se referem diretamente à “realidade” como João Ubaldo que na sua mesa de bar ainda nos lembrava Antônio Maria e outros boêmios famosos como Carlinhos de Oliveira, Tasso de Castro ou Vinícius.

Outro motivo forte da escolha foi a pergunta sobre o destino do literário no momento em que Rubem Fonseca (2007) afirma que o romance morreu numa coletânea que leva a rubrica crônicas embora constituída, sobretudo, de ensaios. O romance morreu ou mudou? Em estimulante carta a Rinaldo de Fernandes, Arturo Gouveia lembra quatro preciosas concepções sobre o romance do século XX que concordam em sua forma protéica (Lukács e Bakhtin) e negativa (Adorno e Frank Kermode) e isso

não é de hoje, pois muitas obras na tradição literária se destacaram pela oscilação entre os gêneros.¹

E a literatura de *blog*? É diário? É crônica? E as transcrições dos *blogueiros* para o cinema ou para o impresso como *O invasor*, de Marçal Aquino (2002), filmado por Beto Brant e romances de Rubem Fonseca ou Patrícia Melo? O que dizer de Clara Averbuk em *O nome próprio*?² E a jovem Verônica Stiger num encontro da FLIP (Festa Literária Internacional de Paraty) ao lado de vulto de estatura Nobel afirmando nem saber que era escritora? E os critérios possíveis ou impossíveis de serem estabelecidos numa época em que emitir opinião saiu de moda e os padrões estéticos vivem em constantes processualidades e em mixologias espantosas? Estarão os autores consagrados com medo da vampira digital? São numerosos os romances que apelam para todo tipo de transcrição das comunicações eletrônicas.

Salve os livros quem puder. Vale misturar sebo com cerveja e samba, vale estante virtual e o picadinho tem tanto valor quanto o acervo. Na mesma linha, a última FLIP tinha um número baixo de escritores propriamente literários e, segundo o diretor-presidente da Casa Azul, o perfil da festa é, sobretudo, de revitalização urbana e desenvolvimento sustentável.

Um trânsito epidérmico pela cultura contemporânea nos dá a medida do vultoso investimento nos caminhos do literário que se virtualizam e concretizam em rápida mão dupla para garantir

¹ Ver o site <http://www.cronopios.com.br/site/artigos.asp?id=3401>. Acessado em 03/08/2010.

² Filme baseado na obra de Clara Averbuk, lançado no Brasil em 2008, direção de Murilo Salles, gênero Drama. Ver site: <http://www.nomeproprioofilme.com.br>

a manutenção do livro por meio de diferentes estratégias. Como incentivo à criação vale a pena referir o projeto Amores Expressos cujo apoio estatal permitiu que diversos autores fossem encarregados de escrever histórias de amor no estrangeiro. O fato deflagrou ampla discussão midiática sobre políticas públicas, temática da escolha e dos autores que pegaram o bonde ou o perderam. De qualquer forma, a vitrine funcionou para alguns e juntamente com Feiras e Bienais, compõe o cenário espetacular onde além dos livros os autores se tornam celebridades.

Metodologia

A instrumentalização básica da leitura de textos impressos e eletrônicos nos seus diversos formatos será a semiologia da construção discursiva passando por *S/Z* (BARTHES, 1982) e *O grau zero da escritura* (BARTHES, 1971), elementos da análise do discurso nos livros de Dominique Maingueneau (2001) para melhor captação das formas híbridas, dos dispositivos comunicacionais novos e dos tipos de enunciação, sobretudo. Quanto à reflexão sobre o contemporâneo, serão utilizados os autores que se ocupam mais especificamente do espaço/tempo contemporâneo como David Harvey, Paul Virilio ou Mike Featherstone; aqueles que se dedicam ao universo virtual e novas tecnologias como Heloísa Buarque de Hollanda, Lucia Santaella, Manuel Castells, Pierre Lévy e os que se dedicam às novas passagens da evolução urbana como Beatriz Resende e Renato Cordeiro Gomes. Para chegar a este ponto da investigação, partimos da consideração da produção dos anos 80 em autores como Antonio Torres, Chico Buarque, João Ubaldo, Silviano Santiago, Sérgio

Sant'Anna e outros, considerando a abrangência dos seus universos e a construção da subjetividade narrativa. Nesta época ganha visibilidade a discussão sobre o surgimento de um outro tempo, a pós-modernidade, discutida a partir de dados recorrentes que traziam transformações à tendência ordenadora e racional do projeto moderno. No Brasil estamos em pleno processo e abertura política e sucesso neoliberal capitaneado pelo desempenho das multinacionais, pelo processo de globalização propiciado pela tecnologia e por uma estratégia mundial que iguala individualização e cidadania com direitos do consumidor. O estado já não preside à reprodução da ordem sistêmica, tendo agora deixado a tarefa às forças de mercado desregulamentadas, e assim não mais politicamente responsáveis. Tal configuração político-econômica trará evidentemente desconcerto e incerteza para aqueles que buscavam construir a individualidade por meio da programação de objetivos e metas dentro de um tempo a medida do humano. Na literatura do período, embora tais questões não sejam ainda objeto de reflexão direta, sentimos seus efeitos em transformações do lugar e tônus do narrador, estruturação espaço temporal e organização das personagens.

No final dos 80 e início dos 90, aumenta o número de obras que se inserem no que chamamos de paradoxos do contemporâneo. Vivência da crise da questão política, ética, artística, por uma subjetividade que se volta para a história, para o nacional, a cidadania, sem os radicalismos nascidos dos pensamentos polarizados. Crise da representação, da valoração, simultânea à procura de uma linguagem que reflita o multiculturalismo, que mantenha as diferenças retrabalhando sempre os pares distinti-

vos. Importante para pensar esta linha é o pensamento de Linda Hutcheon (1991, p. 171) sobre a metaficção historiográfica que discute a mistura do histórico e do ficcional.

Literatura e interações

Ninguém duvida dos benefícios que a tecnologia da informação tem proporcionado a todos. Acessar, em tempo real, informações sobre quase tudo que existe no mundo e poder estabelecer contato direto com as fontes de informações, representa uma drástica mudança de paradigma na sociedade humana e na sua organização espaço-temporal, gerando o que Giddens (1991) chama de “desencaixe”. Por outro lado, o maior acesso à informação tornou visível a parte “submersa do iceberg”: há informação demais e tempo de menos.

Se o indivíduo não consegue desenvolver mecanismos de coletar e transformar dados e fatos em informação, de nada vale ele ter acesso a miríades de fontes desses dados. Ao contrário, é possível que essa enxurrada de não-informação a que ele tem acesso ou recebe diariamente, acabe dificultando ainda mais sua tarefa de transformar tudo isso, primeiro em informação útil, e depois em conhecimento aplicado.

O tipo de subjetividade que circula hoje depende, como bem sublinha Anthony Giddens, de conexões que os indivíduos estabelecem com os novos horizontes abertos, seja no âmbito da tecnociência, seja no âmbito sociopolítico, seja na inscrição urbana da alta-modernidade. As novas tendências apontam em diversas direções, acenando para um presenteísmo hedonista, para a competição desenfreada, bem como para o questionamento de valores

que possam propiciar uma nova solidariedade. Evidentemente, os momentos de perplexidade diante da velocidade das mutações apresentadas são preponderantes, contrariando as visões otimistas das propostas de Giddens (2002, p. 15) sobre auto-reflexividade e política-vida. A dificuldade de reflexão encontra seu complemento na anestesia inoculada pela cultura do entretenimento ou explode em manifestações que respondem com violência ao vazio do sentido, como bem exemplificam o livro *A cabeça*, de Luís Vilela (2002), ou *Prova contrária*, de Fernando Bonassi (2003), que, em narrativa de violência minimalista e elíptica, denuncia a ordem burguesa e rememora os tempos da ditadura.

Algumas tendências se insinuam na esteira do que já vinha sendo produzido nos anos 80 e início dos 90, sendo que a radicalização ou ênfase de alguns aspectos se deverá, sobretudo, ao impacto das novas tecnologias comunicacionais e biológicas na cena atual, criando textos que buscam um reencaixe para virtualizações e simulacros ou apenas realçam o tempo/espaço caótico. Sublinharemos a tendência metalinguística, a desfronteirização dos gêneros e saberes e o diálogo da literatura com as novas tecnologias da comunicação, notadamente a popularização do gênero policial.

A metalinguagem narrativa cresce e se complexifica. Aumenta a responsabilidade discursiva, afetando o lugar do narrador, bem como a identidade e a existência do personagem. A ficção parodia o saber arqueológico ou antropológico criando narrativas mistas inscritas no que Linda Hutcheon (1991) chamou metaficção historiográfica.

O casamento/contraponto entre a comunicação, já agora eletrônica, e a literatura fornece inúmeros cruzamentos. Na era da supercomunicação e hiperinformação, diversos textos dialogam com o

discurso midiático e seus diferentes suportes, levando a extremos a estética do simulacro. Nesta linha estariam romances como *O anônimo célebre*, de Ignácio de Loyola Brandão (2002) e *Controle remoto*, de Rafael Cardoso (2002), utilizando estereótipos midiáticos e discursos retirados do mundo eletrônico. Exercícios de virtualização criam ambiguidade ficcional em outros romances como *Corpo presente*, de João Paulo Cuenca (2003).

O caminho que vai de Gutenberg à *Blogosfera*, para pensarmos num universo narrativo bastante popular propiciado pelas novas tecnologias é feito de cruzamentos estranhos, hibridizações variadas, cujos efeitos, em termos de maior diálogo com o leitor, maior liberdade e interferência democrática, estamos ainda incapacitados para avaliar.

Literatura e informação

Se a comunicação é uma questão muito antiga na humanidade, a explosão de técnicas, há um século, modificou consideravelmente seu estatuto. Na história, segundo Dominique Wolton (2003), a comunicação, realidade antropológica fundamental no cerne de toda experiência individual e social, evoluiu em duas direções: as técnicas e os valores da sociedade democrática.

O interesse da comunicação como objeto de pesquisa teórica reside na mescla de dois pontos de vista: valores e performances técnicas, ideal e capital parecendo necessário distinguir o que provém da lógica do capital e o que provém da lógica dos valores. É nessa perspectiva que enfocaremos o desenvolvimento e as interseções entre literatura e jornalismo, dois discursos impressos diante dos novos suportes eletrônicos.

Um sentimento de urgência percorre a sociedade, suscitando

desempenhos que, quando não atendidos, geram depressão nos indivíduos sempre mais responsabilizados por suas performances a reboque dos sutis mecanismos de controle de exemplos sedutores. Numa espécie de antropologia da igualdade todos são convocados, todos podem participar do certame contemporâneo e ter a felicidade de ganhar a corrida e de não ir para o paredão do BBB.

Incerteza, indiferença e violência mostram suas faces nos comportamentos com repercussões individuais e coletivas. Identidade e diferença constituem o pólo de grande importância nas práticas discursivas, cujas estratégias exigem sempre mais acuidade dos críticos/semiólogos, em meio à dissolução geral das fronteiras.

Isto fica patente na relação que vai se processando entre o jornalismo e suas técnicas e a literatura e suas antigas representações. Esta última parece perder sua característica de indagação do que escapa à compreensão da visão mais espetacular e das estratégias de simplificação e imediatismo cultivadas pela mídia e pela cultura do entretenimento. O esvaziamento da capacidade de narrar emerge tanto nas questões da enunciação, quanto na narrativa propriamente dita, que surge frequentemente como colagem de outros suportes midiáticos sob influência da videosfera e da compressão do espaço/tempo contemporâneo como sugere David Harvey (1992).

Impressos e virtuais

É interessante sublinhar que, enquanto os *blogueiros*, lançados por sua própria conta à escrita, parecem almejar ingressar no mundo impresso, neste último, autores já consagrados não cessam de apelar para o recurso aos suportes do mundo midiático e eletrônico. Fazem

pastiches de roteiro de cinema, de discursos evangélicos televisivos, simulam *sites*, transcrevem *e-mails*, entram pelo computador adentro para resolver mistérios. Nem sempre tais recursos encontram sua justificação estrutural na narrativa funcionando como um “signo” de contemporaneidade.

A criação literária na Internet traz como bandeira a possibilidade de interações entre escritores e internautas. No concurso “Caça as Letras”, criado na Universidade Autônoma do México, num processo interativo, doze escritores jovens habitaram um *site* virtual para resolver desafios literários propostos por três narradores já conhecidos do mundo impresso num processo interativo. Canclini (2008, p. 21) em *Leitores, espectadores e internautas*, aponta a tendência à desfronteirização, estabelecendo o diálogo entre as três instâncias enumeradas e discutindo a convergência dos meios, bem como o acesso aos bens culturais e às formas de comunicação. Segundo o autor, já não se organiza o saber tendo o impresso como foco ordenador e, agora, a convergência digital e a integração multimidiática permitem ver e ouvir no celular, no *Palm* ou no *iPhone*, áudios, imagens, textos escritos, transmissão de dados, tirar fotos e fazer vídeos, guardá-los, *ti-ti-witar*. As telas trazem textos, mas a maneira de ler mudou. Os editores mudam as estratégias em direção ao entretenimento, à auto-ajuda, a discos e vídeos, reticentes frente aos livros de grande formato. Os textos eletrônicos e impressos são discutidos quanto à qualidade da leitura e, paralelamente, argumenta-se que nunca houve uma só maneira de ler autores diferenciados como Cervantes, Kafka, Borges, Tolstoi, Joyce.

O jornalismo é o pano de fundo do eletrizante thriller “Intrigas de Estado”, de Kevin McDonald, exibido no auditório do *Globo*, como

mote para discussão dos rumos do jornalismo por meio do confronto entre o velho jornalista e a *blogueira* novata. Como uma das conclusões, é apontada a tentação do jornalismo *online* para trabalhar e com pressa, comprometendo a veracidade da informação e o risco do impresso de ficar a reboque do jornalismo *online*, limitando-se a publicar o que o público já sabe. É neste contexto que o literário se insere (VENTURA, 2009, p. 2).

Para Fábio Lucas (2001), a tendência da produção, circulação e consumo das obras literárias seria resistir à lógica da urgência da mídia e da indústria cultural. Acrescentamos que o diálogo entre as áreas pode ser benéfico devido a linguagem do jornalismo, seu enfoque ágil e coloquial do mundo. Por outro lado, a influência ficcional não é coisa nova e o *new journalism*, fez história, bem como ainda no século XIX, os folhetins colaboraram para aumentar o público leitor. Lembramos ainda que a literatura bebeu em outros suportes tecnológicos em diversas épocas: no telégrafo, na época futurista, sobretudo; nos processos fílmicos inspirando as narrativas. Mais recentemente, a televisão e o *videoclip* levaram a ficção a uma tendência minimalista e a literatura sobre periferia com ou sem cunho documentário, ao lado do viés *ciberpunk* mais explorado da literatura estrangeira.

Lucia Santaella (2005) sublinha a convergência dos gêneros no âmbito da pós-modernidade e desterritorialização da cultura. Marcelo Bulhões (2007) escreve livro sobre jornalismo, literatura e convergência, apontando nesta relação um recuo da fantasia e uma necessidade de testemunho da experiência imediata. Cristiane Costa (2005), em *Pena de aluguel*, descreve a trajetória da vida literária e jornalística no Brasil entre 1904 e 2004 ecoando a

pergunta de João do Rio sobre ser o jornalismo fator positivo para a arte literária. A pergunta continua em pauta e as demarcações de gênero e formato ficaram imprecisas, aceitando, sobretudo, designações híbridas: conto-reportagem, romance-reportagem, crônica-poema, romance-jornalista.

Tal intercâmbio aumenta sensivelmente e a discussão sobre a cultura impressa e eletrônica vem alimentando e questionando o futuro do livro, dos caminhos do jornalismo e da literatura. O editor brasileiro Paulo Rocco (2000, p. E1), em entrevista na Bienal do Livro em 2000, como presidente do Sindicato Nacional dos Editores, afirma que a Feira de Frankfurt é a “crônica da morte anunciada” e sempre adiada. Manchete sobre a 17ª Bienal em São Paulo afirma que o livro de papel dá sustento ao eletrônico e que dois anos após ser apresentado como símbolo do futuro, na Bienal anterior, o produto virtual depende do tradicional. As editoras eletrônicas se associam a editoras de livros impressos e, atualmente, muitos editores vêm apontando a versão eletrônica como uma mídia a mais que encontrará um nicho de mercado (Apud, ANGIOLILLO, p. E5).

Umberto Eco (2005, p. 4-11) lembra que, em *Fedro*, Hermes, suposto inventor da escrita, apresentou sua criação ao Faraó Thamus e enalteceu a nova técnica por representar um suporte para a memória. O Faraó, no entanto, retrucou que a memória precisava ser treinada continuamente e que, desta forma, a escrita, poupando-lhe o esforço, seria prejudicial. Hoje, a invenção da escrita não é discutida e foi ela que possibilitou, por exemplo, a obra-prima de Proust sobre a memória espontânea. Se a memória era treinada para lembrar coisas e fatos, depois da invenção

da escrita, ela também foi treinada para lembrar livros. Os livros desenvolvem a memória e não a narcotizam. A colocação do Faraó, no entanto, simboliza um eterno medo: o de que uma nova tecnologia possa abolir alguma coisa que consideramos preciosa. É como se o Faraó fosse o primeiro a apontar para a superfície escrita e para uma imagem ideal da memória humana, dizendo: “isto matará aquilo”.

Mais de mil anos depois, Vitor Hugo, em sua *Notre Dame de Paris*, mostra-nos um padre, apontando seu dedo para um livro, e depois, para as torres e imagens de sua amada Catedral, dizendo: isto matará aquilo. O livro mataria a Catedral; o alfabeto mataria imagens. A história de *Notre Dame de Paris* acontece no século XV, pouco depois da invenção da imprensa. Antes disso, manuscritos eram reservados para uma elite e as imagens das catedrais constituíam a única maneira de ensinar as massas sobre as histórias da Bíblia, a vida de Cristo e dos santos, os princípios morais e mesmo os feitos da história nacional ou noções elementares de geografia e ciências naturais. Uma Catedral medieval era uma espécie de programa de TV permanente e imutável que supostamente formaria o povo sobre o indispensável para seu dia-a-dia e sua salvação eterna. À época, corria a opinião de que o livro teria distraído o povo de seus mais importantes valores, encorajando informações desnecessárias, a livre interpretação das escrituras e curiosidades insanas.

O historiador do livro e da leitura Roger Chartier (1999) discorre sobre a evolução do livro desde sua fase manuscrita à imprensa, quando sua propagação torna possível uma ampliação da liberdade dos indivíduos não mais dependentes de leituras dogmáticas. Para ele, neste período, a estrutura do livro permane-

ceu basicamente a mesma, com alguma modernização. Agora, com o suporte eletrônico, vivemos a maior de todas as revoluções através de uma estrutura agregativa em que vários recursos novos entram em cena: presença de imagens em movimento, a animação das próprias palavras, a presença de vozes, páginas com várias saídas. Ele busca ver com otimismo, nesta revolução da virtualidade, a chance de se concretizarem alguns ideais defendidos quando o enciclopedismo propunha uma expansão democratizadora do saber não deixar de reconhecer possíveis limitações do contexto eletrônico: homogeneização da percepção, leitura apressada por influência da velocidade do meio e proliferação da informação. Tais qualidades, entretanto, como já mencionamos, não são passíveis de uma generalização, mas se inserem no processo de produção, distribuição e recepção que oferece diferentes versões/soluções.

Desfroneteirizações

Nas fronteiras movediças da cultura contemporânea, os humores se alternam entre a crítica da pouca elaboração do literário e do parco recurso à imaginação. É sugestiva a matéria de Adriano Schwartz sobre o romance *Animais em extinção*, de Marcelo Mirisola (2008). Após pequena apreciação da obra do autor, comenta: “com *Animais em extinção*, nem a ousadia esculhambada, provocativa e triste dos textos iniciais, nem a consistência narrativa da produção mais recente” (SCHWARTZ, 2008, p. E5). Afirma que o livro é arrogante e ingênuo na tentativa de chocar o leitor com descrições das relações sexuais do protagonista com uma menina de doze anos.

Exemplos de achados criativos também são encontrados. O cruzamento da literatura e dos meios de comunicação atinge no texto *O livro das impossibilidades*, de Luiz Ruffato, a maneira de configurar a materialidade clássica, o que se percebe com a anotação diferenciada para os diálogos, a presença dos logotipos (de jornais, de álbuns de música pop) e parágrafos inclusive em colunas. As paráfrases e pastiches de formatos e discursos midiáticos são infinitos, rendendo textos interessantes na mão de Ignácio de Loyola Brandão (2002), *O anônimo célebre* ou Jair Ferreira dos Santos. Este último em seu livro *Cybersenzala* (SANTOS, 2006), cria o que se poderia chamar uma “crônica-site”: www.joy&peacefuneraldesign.com, apresentada como prestadora de serviços funerais obedecendo a um novo conceito – *hype* transfigurador sobre o gerenciamento do momento de passagem para o outro lado: “na ‘Joy & Peace Funeral Design’, o cliente encontrará sempre a inovação em sintonia com a eficiência, ambas dedicadas a aperfeiçoar o zelo que devemos aos que partiram” (SANTOS, 2006, p. 155).

Seguem alguns comentários sobre caminhos recorrentes da ficção contemporânea, considerando o fenômeno da desfronteirização e a convergência dos saberes com a cultura das mídias sem que outras ciências humanas e sociais não deixem de oferecer suas colaborações neste momento de transição e/ou incerteza das estratégias de produção de sentido.

Metalinguagem

Fazer literatura hoje, é frequentemente, discutir o processo de criação, a difícil passagem ao plano propriamente artístico, aque-

le que transfigura o real. Na era da supercomunicação e hiperinformação, os textos, por vezes, submergem num mar de diálogos com o discurso midiático e seus diferentes suportes, repetindo estereótipos numa estética de simulacros. Segundo Douglas Kellner (2001), a obtenção de informações críticas sobre a mídia constitui fonte importante de aprendizado sobre o modo de conviver com esse ambiente cultural e sedutor cujos espetáculos frequentemente demonstram quem tem poder e quem não tem.

A metalinguagem narrativa desenvolve-se e torna-se progressivamente complexa a relação do narrador com o mundo narrado com a crescente influência das ciências sociais cujas fronteiras são atravessadas paralelamente ao cruzamento do real e da ficção. Como exemplo, temos a obra de Bernardo Carvalho (2002), em seu livro *Nove noites*, em que a antropologia e suas experiências da realidade se misturam à ficção. A própria existência da personagem é posta em dúvida. Como resultado, toda narrativa é posta sob suspeita. Assim como algumas tribos inventam relações de parentesco inexistentes para possibilitar o sentido, as informações que constituem a trama narrativa provocam a percepção ambígua de que poderia haver organizações sociais cujos códigos lhe escaparia. Decorre daí a desconstrução textual nesta obra do autor que, segundo José Castelo, não faz concessões ao público.

O novo romance policial

Entre os possíveis sentidos da voga do thriller policial está certamente o de que tal gênero se presta, especialmente, à expressão da velocidade e complexidade que caracterizam o mun-

do contemporâneo, quando o mercado dita as regras do jogo, a ética é a do lucro e o Estado entra numa retração minimalista. A desregulamentação geral propicia ações que têm na corrupção a sua lógica. A narrativa de *O invasor*, de Marçal Aquino (2002) dá visibilidade às conexões esdrúxulas que permeiam as relações entre diversos grupos sociais e instâncias governamentais. O nó ficcional é o contrato escuso entre firma construtora e membro do governo com o envolvimento de propinas, não-licitação e até crimes. A construção do tempo/espço do romance de Marçal Aquino é emblemática, sendo primoroso o modo como o autor distribui e mistura os diferentes espaços sociais implicados na trama que mereceu transcrição fílmica de grande sucesso. Efetivamente, o “novo romance policial” cujas tramas começam a ser estudadas (FIGUEIREDO, 2003), propicia linguagem em que se insere tendências da escritura contemporânea como: estruturas pseudo-interativas, estrutura em rede. Isto fica claro se pensarmos nos romances *O campeonato*, de Flávio Carneiro (2002) e *Santo dia*, de Lilian Fontes (2002). Diversas possibilidades são abertas pelos autores e é deixado ao leitor optar por este ou aquele caminho e resolução, seguindo pistas dadas muitas vezes por intertextualidade ou multiplicidade de relatos. É a tônica na recepção como prega a comunicação num momento em que tece laos ao leitor e ao espectador ativo. Na realidade, ficamos em dúvida sobre a real eficiência literária de tais estratégias por vezes superficiais. Talvez, apenas explicitem a interação que sempre variou de leitor para leitor como bem acentuou Barthes (1970).

As retóricas do fim, da mudança e do reinício

Rubem Fonseca (2007) escreve livro de crônicas intitulado *O romance morreu*. Afirma que desapareceu o público leitor seduzido pelos recursos multimidiáticos. Paralelamente, cita Camões e a paixão pela escrita com seu manuscrito salvo do naufrágio, para simbolizar a não desistência dos escritores.

Que os leitores tenham sumido não é uma certeza, sendo verdade também que o desejo de escrever se propaga pelo público com os recursos da tecnologia e a dispensa dos intermediários. A aposta no fim de um discurso substituído por outro é antiga e, sequencialmente, atingiu os diversos meios de comunicação que se sucederam no tempo, sem que nenhum tenha propriamente desaparecido. Houve uma redistribuição de funções e complementação paulatina entre os mesmos.

Gustavo Cardoso (2007, p. 190) em *A mídia na sociedade em rede* discute o anúncio do fim do jornalismo expresso pela oposição entre os meios de comunicação de massa clássicos (comunicação vertical e monodirecional) representados pela televisão, rádio e jornais e as novas mídias (interativas, participativas e paritárias), cujo emblema é a Internet. Não se pode a rigor simplificar a oposição entre o novo e o velho, mas é necessário discutir questões ligadas aos modelos de organização econômica, à percepção negativa dos nexos entre empresários e informação com a influência das empresas e partidos sobre a orientação política da imprensa. O importante é relativizar qualquer radicalismo, pois sabemos que a audiência não é passiva, exigindo frequentemente posturas mais transparentes dos jornalistas e criatividade e qualidade imaginativa dos escritores. De qualquer forma, o mun-

do literário já tem os seus espaços espetaculares em feiras internacionais como a nossa FLIP, aos quais caberá discutir a questão da produção e da recepção literária, bem como a divulgação de obras que contenham mais que nomes, conteúdo.

Referências

ANGIOLILLO, Francesca. “Livro de papel dá sustento ao eletrônico”. In: *Folha de S. Paulo*, Ilustrada.

AQUINO, Marçal. *O invasor*. São Paulo: Geração Editorial, 2002.

BARTHES, Roland. *O grau zero da escritura*. São Paulo: Cultrix, 1971

BARTHES, Roland. *S/Z*. Paris: Seuil, 1970.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*; tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *O anônimo célebre: romance: reality romance*. 2 ed. São Paulo: Global, 2002.

BULHÕES, Marcelo Magalhães. *Jornalismo e literatura em convergência*. São Paulo: Ática, 2007.

CANCLINI, Néstor García. *Leitores, espectadores e internautas*; tradução Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CARDOSO, Gustavo. *A mídia na sociedade em rede: filtros, vitrines, notícias*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

CARNEIRO, Flávio. *O campeonato*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

CARVALHO, Bernardo. *Nove noites*: romance. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*; tradução Fulvia M. L. Morretto. São Paulo: UNESP, 2002 e *A ordem dos livros*: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII; tradução Mary Del Priori. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1999.

COSTA, Cristiane. *Pena de aluguel*: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. *Os crimes do texto*: Rubem Fonseca e a ficção contemporânea. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

FIGUEIREDO, Rubens. *Barco a seco*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

FONSECA, Rubem. *O romance morreu*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FONTES, Lílian. *Santo dia*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*; tradução Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 1992.

HOLLANDA, Chico Buarque. *Estorvo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*; tradução Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP. : EDUSC, 2001.

LICHOTE, Leonardo. “Rubem Pop Fonseca”. In: *O Globo*, 7 de novembro de 2009. Segundo Caderno.

LUCAS, Fábio. *Literatura e comunicação na era da eletrônica*. São Paulo: Cortez, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*; tradução Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

MIRISOLA, Marcelo. *Animais em extinção*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

NOLL, João Gilberto. *Hotel Atlântico*. 3 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

NOLL, João Gilberto. *Rastros de verão*. São Paulo: LP&M, 1986.

ROCCO, Paulo. “Feira de Frankfurt adia sua morte outra vez”. In: *Folha de S. Paulo*, Ilustrada, 17 de outubro de 2000.

SANTAELLA, Lucia. *Por que as comunicações e as artes estão convergindo?* São Paulo: Paulus, 2005.

SANTOS, Jair Ferreira dos. *Cybersenzala*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SCHWARTZ, Adriano. “Mirisola tropeça em novo romance”. In: *Folha de S. Paulo*, 8 de novembro de 2008. Ilustrada.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*; tradução Caio Meira. Difel, 2009.

UMBERTO, Eco. “Muito além da Internet”. In: *Folha de S. Paulo*, 14 de dezembro de 2005. Mais.

VENTURA, Mauro. “Encontros O GLOBO debate os rumos do jornalismo contemporâneo”. In: *O Globo*, 27 de junho de 2009. Segundo Caderno.

VIANA, Diego. *Valor Econômico*, 15 de fevereiro de 2011, p. 7. Caderno de Cultura.

VILELA, Luís. *A cabeça*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

WOLTON, Dominique. *Internet, e depois?: uma teoria crítica das*

novas mídias; tradução Isabel Crossetti. Porto Alegre: Sulina, 2003.
WOLTON, Dominique. *Penser la communication*. Paris: Flammarion, 1997.

ZIZEK, Slavoj. *Bem-vindo ao deserto do real!:* cinco ensaios sobre o 11 de Setembro e datas relacionadas; tradução Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

Artigo recebido em 15/02/2011 e aprovado em 15/03/2011.